

## *Os índios do Rio Grande do Norte no tempo presente*

Tayse Michele Campos

*Rosenilson da Silva Santos<sup>1</sup>*

ENTREVISTA realizada via *e-mail*, em setembro de 2015, com Tayse Michele Campos, liderança da comunidade indígena do Amarelão, situada no município de João Câmara-RN. Tayse é nossa aluna no Curso de História, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Núcleo Avançado de João Câmara.

*Bom dia, Tayse. Obrigado por conceder entrevista para a revista Mneme, no dossiê específico que aborda questões ligadas à história e cultura indígena. Antes de mais nada, você poderia nos falar um pouco sobre sua vida?*

Eu tenho 29 anos, dois filhos de 9 anos, que não são gêmeos (risos). Um é filho biológico, Joan, e o outro, Isaac, é filho da minha irmã, que faleceu aos 24 anos. Após a partida a minha irmã, fiquei criando seu filho como meu. O interessante é que um, Isaac, nasceu no dia 06 de abril de 2006 e o outro, Joan, no dia 16 de abril 2006, ou seja, com apenas dez dias de diferença entre os dois. Moro com o meu companheiro, José Carlos Tavares, que também tem dois filhos de outra relação... a família só cresce. De 2009 a 2014 trabalhei com uma ONG, a Associação de Apoio à Comunidades do Campo (AACC), que trabalha com programas e projetos de convivência com o semiárido. Atuei como facilitadora de cursos de Gerenciamento de Recursos Hídricos e como Auxiliar Administrativa na mesma ONG. Mas, já trabalhei com várias coisas diferentes: artesanato, Educação de Jovens e Adultos, e, entre outros, Programa Mova Brasil, do Instituto Paulo Freire. No movimento local, sempre atuei auxiliando as demais lideranças do Amarelão em todas as linhas de discussão política (saúde, educação, terra e território, meio ambiente, gênero). Desde 2013, sou Coordenadora Administrativa da Associação Comunitária do

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. rosenilsonsanatos@yahoo.com.br.

Amarelão (ACA). Sobre meus estudos, adiei bastante o ingresso na universidade, principalmente por causa do meu envolvimento em tempo integral com o movimento indígena, mas fiz vários cursos voltados para Políticas Públicas, Gestão, Informática, Movimentos Sociais, até que minha mãe me deu um ultimato para que eu prestasse vestibular. Primeiro fiz o Enem, passei e me inscrevi no Prouni para conseguir uma bolsa para estudar Direito. Meu objetivo era me especializar em Direitos Indígenas, para ajudar no movimento aqui no Rio Grande do Norte. Consegui a bolsa integral, mas, desisti do curso porque não queria ir morar em Natal para estudar (contudo, ainda não desisti do curso, talvez, no futuro, eu o faça). Um ano depois, prestei vestibular para Gestão Ambiental, que era minha área de trabalho na ONG, mas, não formou a turma no polo da EADECON (ensino à distância) de João Câmara. Enfim, prestei vestibular para Licenciatura em História na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), passei, e estou no quarto período. Eu sempre gostei muito de História e me identifico muito com o curso, sou apaixonada por arqueologia e pretendo fazer uma especialização na área.

*Tayse, fale-nos um pouco sobre o Amarelão. O que é esta comunidade no âmbito da presença indígena atual no Rio Grande do Norte? Quem são os Mendonça do Amarelão?*

O Amarelão é uma das 05 comunidades indígenas do Rio Grande do Norte reconhecidas pela Funai e com a Qualificação da Reivindicação de Terras (que é a primeira etapa do processo de regularização de Terras Indígenas) realizada. Os Mendonças do Amarelão, junto com os Potiguara do Catu/Canguaretama foram os primeiros a iniciar a luta por regularização de terras e por políticas públicas diferenciadas para povos indígenas no Rio Grande do Norte. Sempre participamos do Movimento Indígena estadual e nacional.

*Você poderia nos contar um pouco da história do Amarelão? Como a comunidade surgiu?*

A minha comunidade foi criada há mais de três séculos por índios de etnia Potiguara, que vieram do Brejo de Bananeiras, na Paraíba, fugindo do processo de colonização. Junto com esses Potiguara vieram alguns índios Tapuia. Uma dessas lideranças atendia pelo nome de

Mendonça, o que virou uma referência para nós e uma forma de nos diferenciarmos do resto da sociedade. Chama-se Amarelão porque os nossos antepassados cultuavam o Sol: subiam uma serra de madrugada e esperavam o Sol aparecer então, desciam a serra cantando e tocando as maracas (instrumento de música feito com cabaço) e se referenciavam ao Sol como “o Amarelão”. Hoje, nós somos conhecidos não como “os índios”, mas como “os Mendonças do Amarelão”. Atualmente, há 240 famílias vivendo na comunidade, aproximadamente mil pessoas, que vivem, basicamente, do beneficiamento de castanha de caju. A cultura e tradições que nunca se perderam são: o casamento entre parentes de sangue (primos), sendo ainda raro um Mendonça casar com uma pessoa que não seja Mendonça (independentemente de ser índio ou não); comer tanajura; comer caça somente com farinha e não misturar com outros alimentos como arroz, feijão (é importante frisar que não praticamos a caça predatória); os hábitos alimentares: tapioca, macaxeira, beiju, a carne assada no fogo a lenha, etc. Temos trilha com inscrições rupestres na comunidade, artesanato e, entre tantas outras coisas, o toré, dança indígena potiguara.

*Em relação ao processo de retomada da identidade étnica diferenciada, como você, nativa da comunidade, avalia esse processo?*

Ser indígena, nos dias de hoje, é ser resistente! O que eu percebo é que a mesma sociedade que obrigou os índios a se vestir como não-índios, a aprender e falar o português, a não praticar mais seus rituais, a matar sua religião e suas crenças, hoje, cobra que os índios provem que são índios. Nós temos a memória do nosso povo, das crenças e cultura que nos foram repassadas pelos nossos pais, avós... não basta dizer que é índio, tem que ter a memória da nossa cultura, do nosso povo, dos nossos ancestrais. Muitos índios aqui no Rio Grande do Norte negam sua identidade para não sofrer preconceito, para não ser agredido, humilhado. Eu, particularmente, tenho muito orgulho da minha cultura, da minha identidade indígena. Eu não preciso do reconhecimento da sociedade. Independente disso, eu sempre serei indígena, sempre serei Mendonça, está no meu sangue, nas minhas raízes. O que eu quero é que o Estado Brasileiro nos devolva o que nos roubaram. A minha luta é por direitos indígenas: não quero que ninguém

sinta pena de nós, mas, vejam nos indígenas a nossa força, a nossa resistência e a nossa coragem de lutar pelo que é nosso.

*Que relações o povo do Amarelão tem com as outras comunidades vizinhas e, igualmente, o povo da cidade de João Câmara?*

Os Mendonças são muito conhecidos em João Câmara e região por ser um povo muito trabalhador, mas também, um povo bravo. Referem-se a nós de forma pejorativa, usando o termo “Mendonça” relacionado com violência, ignorância, etc. Existem vários mitos de fatos que aconteceram envolvendo Mendonças, que, na verdade, nunca aconteceram realmente... (risos). Isso tudo porque os Mendonças são auto protetores, pois se trata de uma única família... Uma família extensa, que se protege de tudo e de todos que representem ameaça. Mas, ao contrário do que dizem, somos pessoas muito trabalhadoras, acolhedoras, simpáticas e que têm alegria de viver, mesmo com tantos problemas... somos Guerreiros!

*Em se tratando do cotidiano da comunidade, do que vivem as pessoas?*

Os Mendonças do Amarelão vivem basicamente do beneficiamento artesanal da castanha de caju, que é a principal fonte de renda da comunidade. Mas, não produzimos a castanha porque não temos terras para o plantio do cajueiro. Apenas beneficiamos a castanha, que é comprada *in natura* fora da comunidade e também comercializada fora, depois de beneficiada. As famílias trabalham de segunda a sexta no beneficiamento da castanha, mas, também, sabem se divertir, somos muito festeiros (risos). Temos alguns comércios na comunidade, PSF/Saúde, escola, e, entre outras coisas, campos de futebol.

*Quais as principais festividades do povo do Amarelão?*

Os casamentos tradicionais, que duram três dias: começam na sexta e terminam na madrugada de domingo para segunda, embora, não sejam todas as famílias que realizam. Além destes, posso citar a Festa da Castanha, que acontece todos os anos, no último sábado de agosto; a Romaria

de Finado, o Dia do Índio, Festa Junina, Festa da Semana Santa e o Ritual da Lua Cheia. Todos os anos, também, comemoramos o Dia Internacional da Mulher, desde, pelo menos, três anos.

*Em termos de organização comunitária, o que tem sido feito, nos últimos anos, para garantir melhorias para o Amarelão e assegurar suas potencialidades? Qual sua experiência enquanto uma das lideranças indígenas da comunidade?*

Nós temos a Associação Comunitária Amarelão (ACA), que foi fundada em 21 de maio de 1994 e tem como objetivo geral promover o desenvolvimento socioeconômico da comunidade através de projetos com foco na promoção humana, social, cultural e religiosa e representando a comunidade junto aos órgãos públicos e privados no atendimento de suas reivindicações. Já desenvolvemos os seguintes projetos na comunidade: Beneficiamento de Castanha de Caju (apoio do PAPI, SEAPAC, AACC e Comitê de Manos Unidos – Espanha); Padaria Comunitária (apoio do PAPI); Cursos de Artesanato, Cestaria, Corte e Costura, Crochê, Pintura, Bordado, Alimentação Alternativa, Produção de Produtos de Limpeza, Associativismo (apoio da Congregação Imaculado Coração de Maria, SEAPAC, FETARN e SEBRAE); Projeto Segundo Tempo (apoio do Ministério da Cultura e Colégio Salesiano Dom Bosco); Alfabetização de Jovens e Adultos (apoio do SESI) e Projeto de Construção de Cacimbões (apoio da Congregação Imaculado Coração de Maria); e, entre outros, o Prêmio Culturas Indígenas (Ministério da Cultura), por duas vezes.

Hoje, trabalhamos com os seguintes projetos: Projeto de Música (apoio da Congregação Imaculado Coração de Maria e Banco do Nordeste); Projeto de Artesanato Motyrum Caaçu, que trabalha com produção de artefatos indígenas (apoio do Ministério da Cultura); Cozinha Comunitária; Grupo de Mulheres Ayras d’Aram; Telecentro (apoio do Ministério do Planejamento, Ministério do Meio Ambiente, SEPPIR e a ONG de São Paulo Casa Tainá); Horta Comunitária (apoio da FUNAI); uma Brinquedoteca que atende às crianças da comunidade nos finais de semana e uma Biblioteca Comunitária, que está aberta todos os dias da semana em tempo integral e atende toda a comunidade; ambos são monitorados por jovens

da comunidade que são voluntários na ACA (apoio de doações de brinquedos e livros por pessoas da comunidade, escolas, universidades, entre outros parceiros).

Eu nasci em Natal, só nasci, sempre morei no Amarelão. Filha de uma professora e um agricultor. Tenho dois filhos. Comecei a participar do movimento social há uns 12 anos, pra falar a verdade eu não lembro direito, em espaços de discussão sobre políticas públicas, convivência com o semiárido, movimento de mulheres... nunca participei muito do movimento da juventude, acho importante, mas, nunca me interessei, como me interessei por outras discussões. Vai ver, tenho cabeça de velha (risos), mas, sou jovem. No movimento indígena, eu participava apenas das discussões na minha comunidade e pouquíssimas vezes em nível estadual. Intensifiquei minha participação em 2009, quando fui eleita pelos representantes indígenas do Rio Grande do Norte como Coordenadora Microrregional da Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (APOINME). Essa organização é formada só por índios, tem sede em Olinda/PE e em cada estado tem uma coordenação. O meu trabalho como Coordenadora da APOINME era totalmente voluntário. Não recebo (nem quero) apoio financeiro, e é basicamente um trabalho de articulação e mobilização dos povos do Rio Grande do Norte, que é a área onde eu atuo. Muitas vezes deixei de ir trabalhar ou estudar para cumprir agendas do movimento indígena, mas, acho que me acostumei a essa correria. Algumas vezes é gratificante, outras, não... Esse ano saí da coordenação estadual para dar oportunidade para outra pessoa que esteja com mais energias do eu. Já estou há muito tempo e quando comecei era uma “idealista otimista”. Hoje, sou uma “realista esperançosa”. Mas, continuo atuando no movimento indígena. Hoje, sou presidente do Conselho Local de Saúde Indígena que abrange as comunidades de Caboclos/Assú, Amarelão e Tapará/Macaíba.

*Qual a ligação do Amarelão com outros grupos indígenas e organizações do Rio Grande do Norte e do Nordeste?*

Hoje, no Rio Grande do Norte, há cinco comunidades indígenas reivindicando regularização de suas terras, que são: Amarelão (João Câmara), Sagi-Trabanda (Baía Formosa), Catu (na

divisa entre Goianinha e Canguaretama), os Caboclos (Assú) e Tapará (Macaíba). Não são todos de etnia Potiguara, pois, em Tapará, a etnia é Tapuia. Mas, com certeza, tem muito mais índios no Rio Grande do Norte que ainda não se auto afirmaram ou não estão organizados no movimento indígena em nível estadual. Em cada comunidade é uma realidade diferente. São pessoas que trabalham em atividades diferentes, estudam, cuidam da família, se divertem. Mas uma coisa é igual: o respeito pela terra, pela comunidade e pelos parentes. O Amarelão tem ligação direta com todas essas comunidades, nos comunicamos e nos relacionamos muito bem. Também temos contato com várias organizações indígenas, como por exemplo a APOINME, organização essa que representei como Coordenadora Microrregional no Rio Grande do Norte, de 2009 a 2015.

*Por último, Tayse, o que é, hoje, ser índio, no Rio Grande do Norte?*

Lutar! As nossas principais lutas são por direitos. Não pedimos nada a ninguém e nem queremos tomar nada de ninguém. Lutamos pelos nossos direitos, para que o Estado Brasileiro nos devolva o que nos foi tomado: nossas terras. O nosso bem mais precioso é a terra, é dela que tiramos o nosso sustento, é nela que estão nossas raízes, a sabedoria dos nossos antepassados, a nossa cultura, as nossas tradições. É ela que queremos deixar para os nossos filhos, netos, bisnetos. A terra é a nossa maior riqueza. No Rio Grande do Norte ainda não tem nenhuma Terra Indígena demarcada. As comunidades ainda têm muitos problemas, que vêm se agravando a cada dia. Só temos a comemorar o fato de ainda estarmos vivos e de termos forças para lutar. O índio no Brasil tem que ser respeitado. Somos os primeiros habitantes dessas terras, os verdadeiros donos. Os povos indígenas têm muito a ensinar à sociedade brasileira e, no entanto, somos vistos como um problema ou ignorados.

Entrevista recebida em 02 de setembro de 2015. Aprovada em 15 de setembro de 2015.

*Revisão:* Helder Alexandre Medeiros de Macedo